



HAL
open science

A especificidade da homofobia

Daniel Borrillo

► **To cite this version:**

Daniel Borrillo. A especificidade da homofobia. Revista escrita da historia, 2014, Concepcoes conservadoras e autoritarismos, 1 (1), pp.12-30. hal-01297135

HAL Id: hal-01297135

<https://hal.science/hal-01297135>

Submitted on 4 Apr 2016

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

DOSSIÊ
CONCEPÇÕES CONSERVADORAS E
AUTORITARISMOS



*A especificidade da homofobia*¹

Daniel Borrillo*

Resumo

Este artigo analisa a origem e os elementos que estruturam uma forma específica de violência simbólica e física denominada homofobia. A partir de uma explicação histórica e sociológica, o autor estuda a dinâmica da violência sobre o público LGBT. A ideologia que prega a superioridade branca é denominada racismo, a que promove a superioridade de um gênero sobre o outro é chamada de sexismo. O antissemitismo tem a opinião de inferioridade do povo judeu, e xenofobia remete à antipatia frente ao estrangeiro. Tal tradicionalismo quanto ao sexo, a cor, ao credo religioso ou origem étnica, é mais que um dispositivo intelectual e político de discriminação instaurada. É o sistema a partir do qual uma sociedade organiza tratamento segregacionista segundo a orientação sexual, designada genericamente por “heterossexismo”. Com a homofobia – compreendida como a consequência psicológica de uma representação social que, ao conceber a heterossexualidade como monopólio da normalidade, fomenta o desdém em torno destes e destas que se afastam do modelo de referência –, constitui as duas faces da mesma intolerância e merece, por consequência, ser denunciada com o mesmo vigor do racismo ou do antissemitismo.

Palavras-chave: Homofobia. Heterossexismo. Hierarquia de gêneros. Violência ao público LGBT. Suicídio.

¹ Tradução, do original em francês, por Felipe Cazetta, Coordenador do presente Dossiê.

* Jurista e professor da Universidade de Paris X – Nanterre.

Resumé

Cet article analyse l'origine et les éléments qui structurent cette forme spécifique de violence symbolique et matérielle dénommée l'homophobie. A partir d'une explication à la fois historique et sociologique, l'auteur étudie la dynamique de la violence envers les personnes LGBT. L'idéologie qui prône la supériorité de la race blanche est désignée sous le terme de racisme; celle qui promeut la supériorité d'un genre sur l'autre se nomme sexisme. L'antisémitisme désigne l'opinion qui justifie l'infériorisation des juifs, et la xénophobie renvoie à l'antipathie vis-à-vis des étrangers. C'est donc traditionnellement en fonction du sexe, de la couleur, de l'appartenance religieuse ou de l'origine ethnique, plus qu'un dispositif intellectuel et politique de discrimination s'instaure. Le système à partir duquel une société organise un traitement ségrégationniste selon l'orientation sexuelle peut être désignée sous le terme général d' "hétérosexisme". Avec l'homophobie – comprise comme la conséquence psychologique d'une représentation sociale qui, en octroyant à l'hétérosexualité le monopole de la normalité, foment le dédain envers celles et ceux qui s'écartent du modèle de référence –, ils constituent les deux visages de la même intolérance et méritent par conséquent d'être dénoncés avec la même vigueur que le racisme ou l'antisémitisme.

Mots-clés: Homophobie. Hétérosexisme. Hiérarchie des genres. Violences envers les personnes LGBT. Suicide.

“Viadinho”, “bicha” “sapatão”: estes insultos não são estranhos. Nós os ouvimos muitas vezes por dia no recreio de nossas escolas, na rua, tal como em nossas casas. Segundo a associação francesa *SOS Homofobia*, 44% das manifestações homofóbicas tomam a forma de insultos e a internet tornou-se seu principal veículo.¹ Diferente de outras formas de hostilidade, a característica da homofobia está em sua aplicação de ódio na divisão dos indivíduos, e não em grupo minoritário. O homossexual sofre com o ostracismo ligado à sua homossexualidade, sem ter alguém que o apoie em seu percurso. Mesmo em seu ambiente familiar, em alguns casos, há hostilidade. Deste modo, é vítima do desprezo a si e de uma violência interiorizada, que pode levá-lo ao suicídio.

As ofensas são proferidas com tal regularidade, que parece ter-se esquecido o significado original. Nós ignoramos, por vezes, o que as palavras dizem exatamente. Nós sabemos, todavia, que elas machucam. Dizer a um rapaz que ele é um “viado” significa que ele não é verdadeiramente um homem e dizer que uma garota é “sapatão” é atribuir-lhe aspectos masculinos. Assim, quando nós insultamos alguém, nós procedemos, de forma inconsciente, à questão de gênero: os rapazes devem se comportar de uma maneira,

¹ Disponível em: <https://ssl3.ovh.net/~soshomop/sites/default/files/rapport_annuel_2013.pdf>. Acesso em: 15 out. 2013.

as moças de outra. No entanto, há casos de garotos que não se comportam completamente de acordo com as normas masculinas, ou moças que não se encaixam no cânone da feminilidade. Quando isto ocorre, são empregados mecanismos invisíveis, espécie de “domesticação”, no intuito de uniformizar os comportamentos.

A personalidade homofóbica, tal como a estrutura física do tipo autoritário, funciona com categorias cognitivas extremamente claras (estereótipos) lhe permitindo organizar intelectualmente o mundo em um sistema fechado e previsível. Os gays são, assim, sistematicamente apresentados como frívolos, submetidos à promiscuidade sexual, solitários ou narcisistas. As lésbicas são percebidas como hostis aos homens. Deste modo, o artigo insere-se nos *estudos sobre o gênero*, que demonstram o caráter arbitrário da diferenciação entre os sexos, supostamente natural.²

Homofobia e sexismo

A homofobia participa deste controle social que serve para normalizar, desde a tenra infância, nossas condutas.³ A sociedade organiza o mundo exterior em função das categorias dualistas, pois somos ensinados antes a opor que conciliar: a noite é o contrário do dia; o branco é inverso do negro; e o macho, o oposto da fêmea. Nós construímos, também, nosso universo interior de forma binária de tal espécie que nossas personalidades devem retomar o molde de identidade masculina quando se nasce homem e à identidade feminina quando se nasce mulher.⁴

Desde o berço as cores azul e rosa marcam a geografia desta *summa divisio* que, de maneira implacável, insere o indivíduo em um ou outro destes territórios. Basta se observar a vitrine de uma loja de brinquedos para se perceber: para os meninos as armas, as bolas de rúgbi, os carrinhos de brinquedo, as réplicas de ferramentas de mecânica e bolas de futebol. Para as meninas, bonecas, miniaturas de aparelhos de chá, motivos de

² Cf. BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949 ; FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité* (vol. 1, 2, 3). Paris: Gallimard, 1976-1984; & BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Éditions du Seuil, 1998, para citar apenas estes exemplos.

³ “Não se nasce mulher, torna-se.” BEAUVOIR, op. cit., 1949.

⁴ BROQUA Christophe; EBOKO Fred (dir.). *La fabrique des identités sexuelles*, *Autrepart: revue de sciences sociales au Sud*, Paris, n. 49, v. 1, 2009.

princesas e maquiagens.⁵ Através de nossos brinquedos, de uma maneira aparentemente inocente, nós somos educados para tornarmos um menino ou uma menina.⁶ Assim, um garoto deve aprender a ser violento, belicoso, competitivo, versátil e uma menina deve tornar-se maternal, gentil e meiga. Ela deve ser responsável pelos afazeres domésticos e cuidar das crianças.

Nossas brincadeiras introjetam, assim, valores ligados ao sexo: a dominação e a competitividade para os homens, a submissão e a sedução para as mulheres.⁷ Não se espera que um menino peça uma boneca como presente de Natal ou uma menina queira luvas de boxe no aniversário. A partir das brincadeiras nós aprendemos igualmente que a menina e o garoto são feitos um para o outro ao apaixonarem-se. Nosso destino já está traçado, nós devemos nos casar com uma pessoa do sexo oposto, ter filhos e reproduzir o modelo de nossos pais (basta pensarmos nos contos infantis para nos convencer⁸). Estes e estas que não se submetem ao modelo de gêneros são chamados à ordem, corrigidos por diversos meios, entre os quais, os alvos de piadas e de insultos.

A ideologia diferencialista, defendendo a divisão dos sexos e radicalizando a diversidade de gênero, faz da recusa (ou da segregação) aos homossexuais um elemento central para garantir o equilíbrio individual e coesão social. A homofobia e, em particular, a homofobia masculina, fortalece a função de “protetora da sexualidade” reprimindo todo o comportamento, todo o gesto ou desejo que transcenda as fronteiras “impermeáveis” dos sexos.

A homofobia aparece assim como a guardiã do diferencialismo sexual. A crença social da existência exclusiva de dois sexos, associada à atribuição correlativa e lógica que cada um dos indivíduos tem uma natureza essencialmente masculina ou feminina, permite a reprodução de uma ordem sexual apresentada como objetiva e factual. Não se trata aqui de colocar em questão os dados psicológicos concernentes à existência de machos e fêmeas entre os humanos; não se trata também de negar as diferenças físicas

⁵ BAERLOCHER, Elodie. *Barbie contre Action Man! Le jouet comme objet de socialisation dans la transmission des rôles stéréotypiques de genre*. In : DAFFLON-NOUVELLE, Anne (dir.). *Filles-Garçons, socialisation différenciée?* Genebra: Presses Universitaires de Genève, 2006.

⁶ ALEXANDER, Gerianne. An evolutionary perspective of sex-typed toy preferences: pink, blue, and the brain. *Archives of Sexual Behavior*, n. 1, v. 32, p. 7-14, feb. 2003.

⁷ MILLER, Cynthia. Qualitative differences among gender-stereotyped toys: implications for cognitive and social development in girls and boys. *SexRoles*, v. 16, n. 9-10, p. 473-487, may. 1987.

⁸ LALLOUET Marie. Des livres pour les garçons et pour les filles: quelles politiques éditoriales? In: NIÈRES-CHEVREL, Isabelle (dir.). *Littérature de jeunesse, incertaines frontières* (Colloque de Cerisy-la-Salle). Paris: Gallimard, 2005.

entre os sexos. Todavia, há outra maneira de abordar a questão, precisamente relativizando esta evidência “natural”. As dúvidas que se opõem a esta certeza, contrapondo-se a esta dicotomia entre masculino/feminino, contribuem para a organização de uma consciência de si e uma visão de mundo particular.

Longe de representar as categorias naturais ou universais, o masculino e o feminino são o resultado de uma forma específica de socialização. A distinção dos sexos constitui um mecanismo político de ação e de reprodução social que permite a legitimação tácita das ilegalidades. Apresentado como antropologicamente inevitável, esta diferença estrutura nossa concepção normativa sobre as propriedades dos seres “necessariamente” sexuados dicotomicamente. Nós somos, de algum modo, peças de um sistema cultural que nos insere a uma adesão cega a uma lógica binária em matéria de gênero e de sexualidade: se é homem ou mulher, homo ou hétero, e quando se é homem deve-se ser masculino, e se sentir atraído por uma mulher feminina, e vice versa. A alternativa para pensar a diferença dos sexos consiste em encará-la não como uma realidade biológica, mas, ao contrário, como uma elaboração política ou, para utilizar expressão de Foucault, como um dispositivo, quer dizer

um conjunto heterogêneo de discursos, de instituições, de práticas e de procedimentos, um conjunto transpassado de normas de poder, dentro do qual os indivíduos e coletividades são constituídas por vezes como objeto, sobre os quais se intervém, e outras vezes como sujeito, que se pensam em relação com as categorias do dispositivo.⁹

Bourdieu tem razão ao afirmar que nenhum indivíduo heterossexual necessita de se apresentar como tal, em diferentes interações da vida cotidiana. A presunção da heterossexualidade realiza-se inserida em todo o contexto e a heterossexualidade impõe-se de maneira natural. Ao passo que dominado, o homossexual é vítima de uma violência simbólica que os membros das categorias dominantes exercem sobre ele. Com efeito, o indivíduo homossexual é coagido a compreender-se do ponto de vista heterossexual:

através, principalmente, do efeito destinado que produz a categorização estigmatizante e em articular, o insulto, real ou potencial, talvez conduza a se aplicar e aceitar, contrariado e forçado, as categorias de percepção corretas

⁹ “un ensemble hétérogène de discours, d’institutions, de pratiques et de procédures, un ensemble traversé de rapports de pouvoir, dans lequel des individus et des collectivités sont constitués à la fois en objets, sur lesquels on intervient, et en sujets, qui se pensent en relation avec les catégories du dispositif”. FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits* (vol. 3). Paris: Gallimard, 1994, p. 299.

(straight, por oposição à crooked, torcido, como na visão mediterrânea) e a viver na vergonha, a experiência sexual que, do ponto de vista das categorias dominantes, o definiu, equilibrando entre o medo de ser percebido, desmascarado, e o desejo de ser reconhecido pelos outros homossexuais.¹⁰

Homossexualidade

Nesta ordem rígida dos sexos, o homossexual é um indivíduo que possui certos caracteres do sexo oposto e que não se submete ao destino social e familiar. Às vezes um homem apaixona-se por outro ou uma mulher se sente atraída por outra mulher. Dos escritores como William Shakespeare, Oscar Wilde, Marcel Proust, Emily Dickinson, Jean Cocteau, Thomas Mann, Lord Byron, Arthur Rimbaud, Paul Verlaine, Virginia Woolf, André Gide, Colette, Federico Garcia Lorca, Jean Genet, Truman Capote e Marguerite Yourcenar amaram pessoas do mesmo sexo. Certos personagens históricos como Vercingétorix, o imperador Adriano, Alexandre o Grande, Haroun al-Rachid (califa de Bagdá), Ricardo Coração de Leão, a rainha Cristina de Suécia, o rei Luís II da Baviera, Atatürk ou ainda Laurence da Arábia. Dos cientistas como Bacon ou Keynes, dos intelectuais como Simone de Beauvoir, Foucault e Barthes assim como vários artistas como Michelangelo, Leonardo da Vinci, Tchaikovsky, Marlène Dietrich, Joan Baez, Andy Warhol, Pasolini, Boy George, Elton John, Almodóvar, Etienne Daho ou grandes esportistas como Martina Navratilova e Amélie Mauresmo nunca esconderam a atração por pessoas do mesmo sexo. O prefeito de Paris, Bertrand Delanoë, o antigo Ministro da Cultura da França Jean-Jacques Aillagon e outras personalidades, tais como: Pierre de Coubertin (inventor dos Jogos Olímpicos modernos) ou ainda Baden Powell (criador do escotismo) são ou eram gays.

Como Didier Eribon pontua, é importante reconhecer que é através das injúrias que os homossexuais “tomam consciência de quem são, e o que são, precisamente, não é o que deveriam ser”.¹¹ Em consonância com a força desta passagem, há a narrativa da vida de Antoine (27 anos), retirada das reflexões aqui apresentadas:

¹⁰ “[...] à travers notamment l’effet de destin que produit la catégorisation stigmatisante et en particulier l’insulte, réelle ou potentielle, il peut être ainsi conduit à s’appliquer et à accepter, contraint et forcé, les catégories de perception droites (straight, par opposition à crooked, tordu, comme dans la vision méditerranéenne), et à vivre dans la honte l’expérience sexuelle qui, du point de vue des catégories dominantes, le définit, balançant entre la peur d’être perçu, démasqué, et le désir d’être reconnu des autres homosexuels”. BOURDIEU, op. cit., 1998.

¹¹ ERIBON, Didier. Injures. In: _____ (dir.). *Dictionnaire des cultures gays et lesbiennes*. Paris: Larousse, 2003, p. 265.

Na escola, eu me reconhecia através dos insultos de que sofria [...]. Eu era tratado na sala como “bicha”, espécie de “Queer”, de tudo que você quiser, como o nome de um pássaro, [...] começaram a dizer-me que eu era um gay. Então, o que era uma “bicha”? Pois bem, vi que eu não era o que eu era, porque eu não era uma “bicha”, eu sou homossexual ou gay, ou qualquer coisa que você queira, mas não uma “bicha”... não concordava com isso. [...]. Portanto, durante um bom tempo eu não falei, durante um tempo muito longo. E depois disto, está claro que lentamente identificava-me enquanto homossexual e, sobretudo, uma identificação positiva de homossexual.¹²

O ódio anti-homossexual

Sinais de uma personalidade rígida de tipo autoritário, certos homofóbicos manifestam outras formas de fobias e expressões de ódio. Muitos fatores psicológicos podem desencadear hostilidade aos homossexuais. A necessidade imperiosa de se sentir pertencente à norma sexual social heterossexual, considerada como natural, e o temor de não ser reconhecido como tal pelo discurso dominante, conduzem muitos indivíduos a desenvolver a rejeição irracional a tudo o que é percebido como diferente, como fora da norma. Vivendo sob a vigília do outro, este tipo de personalidade adere mais facilmente o preconceito estereotipado do homossexual. Em outros casos, a homofobia funciona como um mecanismo de defesa contra conflitos inconscientes.

O problema não é a homossexualidade, mas a homofobia.¹³ Assim como a xenofobia, o racismo e o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como o oposto, inferior ou anormal. A interpretação restritiva da homofobia como crença irracional de tipo patológico foi largamente criticada, pois ela não fornece atenção, senão parcial, ao fenômeno analisado. É por isso que a homofobia como manifestação cultural e social é comparável ao racismo e ao antissemitismo. Parece-nos, entretanto, que os aspectos puramente psicológicos da questão merecem ser abordados para melhor compreender os efeitos da interação entre a

¹² “À l’école je me faisais souvent insulter [...] Je me suis fait traiter de sale pédé, d’espèce de tantouse, de tout ce que tu veux, comme le nom d’un oiseau. [...] on a commencé à me dire ce que j’étais : un sale pédé. Alors bon, sale pédé c’est quoi ? Après bon, ben je voyais déjà que c’était pas ce que j’étais, parce que je ne suis pas pédé, je suis homosexuel ou gay ou tout ce que tu veux, mais je ne suis pas pédé, donc déjà là... là, j’étais pas d’accord. [...] Donc, oui, pendant longtemps je n’en ai pas parlé, pendant longtemps, pendant très longtemps. Et puis ça c’est clair que ça a tardé mon identification en tant qu’homosexuel, et surtout une identification positive en tant qu’homosexuel”. MELLINI, Laura. *Entre continuité et rupture, la place des secrets et des confidences. Analyse de la gestion sociale de deux identités déviantes: l’homosexualité masculine et la séropositivité*. Tese de doutorado. Faculdade de Letras de l’Université de Fribourg, Fribourg, 2003.

¹³ BORRILLO, Daniel. *Homomfobia: história e crítica de um pensamento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

socialização heterossexista e uma integração acentuada das normas hostis aos gays e lésbicas.

Como fenômeno psicológico e social, a homofobia encontra suas raízes em relações complexas estabelecidas entre estrutura psíquica de tipo autoritário e uma organização social heterossexual e monogâmica com ideal sexual e afetivo. É esta interação psicológica e social que se precisa problematizar para melhor compreender os elementos existentes, que encorajam ou banalizam a homofobia. Se em cada um de nós há um homofóbico que se ignora, é porque a homofobia parece necessária à constituição da identidade de cada indivíduo. Ela está de tal forma enraizada na educação que para se desfazê-la, impõem-se um verdadeiro exercício de desconstrução de nossas categorias cognitivas. Apesar desta relação estreita, a homofobia individual (rejeição) e a homofobia social (supremacia heterossexual) podem funcionar distintamente e existir de maneira autônoma. Assim, se pode reprovar sentimento de rejeição que pesam sobre os homossexuais, mas, considerar gays e lésbicas, ao mesmo tempo, não merecedores do tratamento igualitário. O mesmo vale para a misoginia: quantos homens desejam e amam as mulheres, sem que isto os impeçam de tratá-las como objeto?

As reações dos mais violentos tipos provêm, geralmente, das pessoas que lutam contra seus próprios desejos homossexuais. Neste caso, uma explicação da dinâmica psicológica pode nos indicar avanços ao mostrar que, principalmente a violência irracional contra homossexuais é o resultado da projeção de um sentimento insuportável de identificação inconsciente com a própria homossexualidade, de tal modo que o agressor converte em violência sua homossexualidade intolerável a si. A violência contra os homossexuais não é outra coisa senão a manifestação o ódio de si ou, melhor dizendo, contra a parcela homossexual que quer emergir. O homofóbico possui, assim, uma disfunção psicológica, fruto do conflito mal resolvido durante a infância, provocando a projeção inconsciente contra as pessoas supostamente homossexuais. Este mecanismo de defesa permite reduzir a angústia interior de imaginar-se desejando um indivíduo do mesmo sexo. Entre os homens heterossexuais, um elemento considerado igualmente como promotor da homofobia parece ser a inveja inconsciente em torno dos gays, visto como desembaraçados do constrangimento do ideal masculino e beneficiados, por isso, de maior liberdade sexual. Diante da impossibilidade cultural de poder realizar este desejo, há a conversão em hostilidade sobre o que é inacessível.

Numerosos estudos¹⁴ puderam demonstrar que certos fatores, tais como: idade, sexo, grau de escolaridade, meio social, assim como adesão religiosa ou política constituem variáveis para a compreensão do problema. Assim, os homens manifestam mais facilmente, em relação às mulheres, sua antipatia frente aos gays. Os homens conservadores consideram, com maior facilidade os homossexuais como indivíduos que rejeitam o seu gênero e, deste modo, colocam em perigo a norma heterossexual, a masculinidade e os privilégios que lhes são inerentes. Recusando os gays, muitos dos homens heterossexuais condenam aspectos indissociavelmente ligados à homossexualidade masculina, a saber: a feminilidade. Por outro lado, a religiosidade da população analisada é diretamente proporcional à homofobia: as pessoas que se declaram praticantes de uma religião monoteísta revelam-se menos favoráveis ao reconhecimento dos direitos dos homossexuais. Os indivíduos do meio rural são mais inclinados a atitudes homofóbicas em relação aos habitantes das grandes cidades.

Esta separação entre homossexuais e heterossexuais torna-se mais grave ao migrar para o campo legislativo. A construção da “diferença homossexual” é um mecanismo político estabelecido para retirar dos gays e lésbicas direitos comuns (universais) inscrevendo lhes em regimes de exceção (particular). O fato de poucos países no mundo conferirem aos casais homossexuais direitos conjugais idênticos aos gozados pelos heterossexuais ilustra bem a generalização desta política “segregacionista” consistindo em tratar certos direitos como excepcionais, sem, para tanto, estender a igualdade total destes. Se nós podemos demonstrar a existência destas similitudes entre as diversas formas de intolerância é, todavia, necessário assinalar alguns pontos significativos. Para isto, o exemplo de uma minoria religiosa relatada por Boswell, estabelece uma aproximação pertinente. Segundo o historiador,

[o judaísmo] é passado dos pais aos filhos e, com seus preceitos morais, de modo que seja transmitido por gerações toda a sabedoria política adquirida nos séculos de opressão e perseguição [...]. Sabem ainda oferecer, ao menos aos membros da comunidade, o reconforto da solidariedade diante da opressão. [...]. A maior parte dos homossexuais, não são provenientes de famílias homossexuais. Eles suportam a opressão dirigida contra eles cada qual isoladamente, sem beneficiarem-se dos conselhos ou mesmo de um suporte afetivo de seu pais e amigos. Isto torna sua situação mais próxima, dentro de certos cuidados, ao dos cegos ou canhotos, que estão também dispostos na

¹⁴ WELZER-LANG, Daniel. *La peur de l'autre en soi: du sexisme à l'homophobie*. Quebec: VLB éditeur, 1994, p. 8.

população, não unidos por uma herança em comum, e que também constituem grupos vítimas de intolerância.¹⁵

Assinalemos, igualmente, que a orientação sexual, por si, é oficialmente evocada como impedimento legítimo à realização dos direitos. Dito de outra forma, o homossexual tem sua discriminação inscrita formalmente na ordem jurídica. Nenhuma outra “categoria” da população se vê excluída pela lei, no gozo de seus direitos fundamentais em razão de sua aparência étnica, religiosa ou por qualquer outra característica particular. Por outro lado, se o racismo, a misoginia ou a xenofobia são formalmente condenados pelas instituições, a homofobia continua a ser considerada com uma *opinião* e quase de bom-senso.

A homossexualidade possui o triste privilégio de ser combatida simultaneamente, durante os últimos séculos, como pecado, como crime e como doença. Se ela escapava da Igreja, o homossexual caía sob o jugo da lei laica ou sob a empreitada da clínica médica. Esta crueldade deixou traços profundos na consciência dos gays e lésbicas a tal ponto que eles mesmos entendem, frequentemente, a violência cotidiana – da qual são as primeiras vítimas – como algo normal e de alguma forma inevitável. O ódio contra os homossexuais tomou diferentes formas.¹⁶ Assim, a Inquisição enviava o sodomita à fogueira para salvar sua alma. O direito prolongou a violência da religião e, por muito tempo, os homossexuais foram vistos como criminosos. Considerados como doentes, “invertidos”, foram vítimas das terapias corretivas. Com um triângulo rosa nos uniformes, inúmeros gays foram enviados aos campos de concentração pelos nazistas.¹⁷

Se a homossexualidade não mais é um crime no Ocidente, em vários outros países, as relações entre pessoas do mesmo sexo continuam a ser severamente punidas: os homossexuais são executados no Irã, na Arábia Saudita, no Afeganistão, na Mauritânia, no Sudão, nos estados do Norte da Nigéria, no Iêmen, no Paquistão e nos Emirados Árabes Unidos. O liberalismo ocidental permitiu o desenvolvimento de um espírito de tolerância em torno dos homossexuais, desde que sua sexualidade permaneça restrita à esfera privada. As violentas reações acerca da adoção de leis de reconhecimento da união

¹⁵ BOSWELL, John. *Christianisme, tolérance sociale et homosexualité*. Paris: Gallimard, 1985.

¹⁶ Cf. BORRILLO, Daniel; COLAS, Dominique. *L'homosexualité de Platon à Foucault*. Anthologie critique. Paris: Plon, 2005.

¹⁷ GRAU, Günter. *Hidden Holocaust? Gay and Lesbian Persecution in Germany 1933-1945*. Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, 1995.

legal homoafetiva, e mesmo a possibilidade de declarar o parceiro como dependente no imposto de renda e com direitos sobre herança, revela a homofobia presente nas sociedades democráticas quando gays e lésbicas reivindicam a igualdade de direitos. Se a matriz ideológica deste ódio é encontrada nos textos sagrados das religiões monoteístas, a retórica e o sentimento homofóbicos são disseminados hoje em muitos registros (psicanálise, antropologia...).

Uma forma de homofobia é possível fora da hostilidade manifesta contra os homossexuais; dito de outra forma, se pode ser objetivamente homofóbico considerando a si mesmo amigo de gays e lésbicas: para existir, o heterossexismo não tem a necessidade da hostilidade irracional ou do ódio em torno dos gays, basta que se enxergue gays e lésbicas como inferiores. Quando se faz o apelo à diferença, não se está invocando um apelo a favor dos homossexuais. Não se pensa apontar a especificidade homossexual para dar privilégios aos mesmos ou para instaurar uma discriminação positiva ao seu favor.

Se a reivindicação do direito de casar-se e de adoção por casais homossexuais provoca tantas reações negativas, é porque através destas demandas, coloca-se em cheque a dicotomia masculino/feminino, suporte da ordem sexual atual. As categorias “homem” e “mulher” continuam a ser operacionais quanto à distribuição de direitos, justificando o tratamento ilegal para uns e outros. Nestes casos, a defesa da ordem sexual, na diferença entre os sexos (macho/fêmea) pressupõe igualmente a manutenção da diferença das sexualidades (homo/hétero). Em contrapartida, se a diferença dos sexos deixou de ser um elemento pertinente na qualificação da pessoa jurídica. O fato de ser homem ou mulher não afeta mais o exercício dos direitos, compreendidos no domínio do casamento e da adoção, logo, a reivindicação dos gays e lésbicas poderia se inscrever pacificamente no processo de abstração do sujeito do direito. É por causa da igualdade dos sexos ser percebida como subversiva, é concebida como ameaça a ordem estabelecida dos sexos.

A preservação do dispositivo político de distinção dos sexos implica igualmente a conservação das sexualidades. A crença em uma “natureza” feminina e uma “natureza” masculina, distintas e complementares, é a origem de uma opinião difundida, segundo a qual apenas as relações heterossexuais são acompanhadas do verdadeiro encontro entre os seres que, por serem sexualmente diferentes, tem vocação por completarem-se. Desta forma, as uniões homossexuais são aceitas desde que não se coloque em risco a dimensão de modelo do casal heterossexual quanto lugar simbólico no seio do qual a diferença dos

sexos – assim como o valor político e cultural – se complementem. A diferenciação dos casais parece assim como uma necessidade para preservar esta diferença. Como a velha doutrina da Corte Suprema dos Estados Unidos, “separados mas iguais (*separate but equal*)”, que servia para justificar o regime de apartheid dos negros, a homofobia diferencialista pretende afastar os homossexuais do direito comum (em particular o do casamento) afim de salvaguardar a supremacia normativa heterossexual. Assim, é com os argumentos supostamente científicos ou legais que se opôs na França, por exemplo, a igualdade de direitos em relação aos casais de mesmo sexo, recusando-se ao acesso ao direito de casamento e à homoparentalidade,¹⁸ mesmo após a aprovação da lei que aprova o casamento para casais do mesmo sexo em 2013.

Lutar contra a homofobia

Os gays e as lésbicas não estão salvos de desenvolverem a homofobia. Em uma sociedade onde os ideais sexuais e afetivos são construídos sobre a base da superioridade psicológica e cultural da heterossexualidade, parece difícil esquivar-se dos conflitos interiores resultantes de uma inadequação a tais valores. Além disso, gays e lésbicas crescem em um ambiente que exhibe abertamente sua hostilidade anti-homossexual. A interiorização destas violências, manifestas sob a forma de insultos, injúrias, desprezos e condenações morais ou de atitudes passionais, conduz muitos homossexuais a lutar contra seus desejos, provocando, por vezes, problemas psicológicos graves. Culpa, ansiedade, vergonha e depressão são as principais manifestações destas reações.

O estereotipo do gay como incapaz de sustentar uma vida afetiva, sem família nem crianças e terminando seus dias em uma solidão insuportável, onde o alívio se encontra no suicídio, amedronta números gays que, para evitar este “destino trágico”, se entregam a um empreendimento de rejeitar a própria sexualidade. A *American Psychiatric Association* reconhece que os principais agentes de predisposição à homofobia interiorizada são os preconceitos individuais e a intolerância social para com a homossexualidade. Neste contexto de violência, não é espantoso que jovens

¹⁸ BORRILLO, Daniel; FASSIN, Eric; IACUB, Marcela. *Au-delà du PaCS. L'expertise familiale à l'épreuve de l'homosexualité*. Paris: PUF, 1999.

homossexuais sejam particularmente atingidos pela depressão, a hostilização psiquiátrica e as tentativas de suicídio.¹⁹

Os comportamentos homofóbicos são proibidos.²⁰ Assim, discriminar uma pessoa em razão de sua orientação sexual pode resultar em prisão. Não somente os atos concretos são sancionados, mas também os discursos de ódio. Deste modo, a Justiça sanciona a injúria, a difamação e a incitação à violência sobre os gays e lésbicas. O Ministério Público agir com processo, quando os insultos são endereçados a um grupo de pessoal, e as associações têm a possibilidade de constituir parte civil, contra a perseguição homofóbica. A lei prevê, igualmente, circunstâncias agravantes em razão de da “orientação sexual” da vítima em muitas infrações. Desta maneira, a homofobia é considerada como crime de ódio, tal como o racismo e o antissemitismo. Por exemplo, o assassinato mobilizado por homofobia é punido, na França, com a reclusão criminal, podendo chegar à prisão perpétua. Mesmo as agressões menores são punidas com três anos de reclusão.

Além da prisão, é sobretudo necessário desenvolver a prevenção. Ao abordar, de um lado, os preconceitos e os estereótipos homofóbicos, e permitindo, de outro lado, aos gays e às lésbicas assumir sua própria identidade sem oposição. A empreitada educativa deve começar por denunciar o conjunto de códigos culturais que reforçam as discriminações em torno dos homossexuais. É antes de tudo aos familiares que necessita se alcançar, afim de que eles compreendam que ter um filho gay ou uma filha lésbica não é nenhum problema. Do contrário, a não aceitação do fato de uma criança ser diferente, pode provocar feridas difíceis de cicatrizar. Em alguns casos de rejeição social, estes traumas podem resultar mesmo no suicídio.²¹

A aceitação da homossexualidade é algo complicado para um número expressivo de gays, porém importante, visto que estes caem em situação de isolamento e angústia particularmente dura de suportar. A educação sexual e afetiva dos gays e lésbicas faz-se na clandestinidade, as referências literárias, cinematográficas e culturais são quase inexistentes. Frente a tal falta de referências culturais, a aflição encontrada em muitos

¹⁹ VERDIER, Eric; FIRDION, Jean-Marie. *Homosexualités et suicides: études, témoignages et analyse*. Laval: H&O éditions, 2000.

²⁰ BORRILLO, Daniel. *Homosexuels quels droits?* Présentation de LANG, Jack (Collection A savoir). Dalloz Paris, 2007.

²¹ BONNICHON, Delphine; VERDON, Benoît. Mourir pour être un homme: tentatives de suicide et identité sexuelle à l'adolescence, *Psychologie clinique et projective*, v. 1, n. 18, p. 127-160, 2012.

adolescentes gays e lésbicas torna-se compreensível. A manifestação pública de sua homossexualidade (*coming-out*) constitui, neste caso, um momento de libertação. Com este gesto, muitos gays e lésbicas buscam acabar com a clandestinidade dos quais estiveram confinados. O *coming-out* pode assim tornar-se uma situação particularmente salutar colocando fim à socialização heterossexista e permitindo, por consequência, restaurar a estima de si e de seus semelhantes.

A escola tem, igualmente, uma função capital no combate à intolerância. Ela deve levar a compreensão aos alunos sobre a igualdade de direitos para os gays, lésbicas e bissexuais é uma luta de todos. Nos livros e manuais, a homossexualidade deve ser apresentada como manifestação erótica e afetiva com o desabrochar tão natural quanto as relações heterossexuais. Meios integrados de ideias sobre a diversidade sexual devem fazer parte da formação dos professores, como dos policiais, médicos, juízes, psicólogos e todos os profissionais que estão em contato com o público. A possibilidade de conhecer gays e lésbicas e a abertura a outros grupos são, igualmente, fatores importantes para impedir o desenvolvimento de sentimentos homofóbicos.

Neste sentido, em 2013, o governo francês aprovou um projeto que visa combater a homofobia.²² Este consiste em um relatório anual recenseando casos de violência contra os integrantes LGBT. As questões LGBT “são também abordadas na grade curricular das escolas. As pessoas envolvidas no projeto, abordam questões inseridas na temática, de forma transversal aos conteúdos trabalhados durante o curso, e com abordagens diferenciadas, do ensino fundamental ao médio”.²³ O Ministro da Educação lançou uma missão relacionada à luta contra a homofobia, que abrangerá principalmente a prevenção do suicídio entre os jovens LGBT.

Afim dos meios acolherem as vítimas das “sessões de formação pluridisciplinar na luta contra a violência que atinge o público LGBT, organizamos pela Escola Nacional e pela magistratura, a instrução dos policiais, soldados e magistrados”.²⁴ Da mesma forma, a *Missão Interministerial de Vigilância e Combate à Abusos Sectários* (sigla Miviludes, em francês) proibiu na França as “terapias de conversão” que dão objetivo de fazer um jovem homossexual, tornar-se heterossexual.

²² Disponível em: <<http://femmes.gouv.fr/un-vaste-plan-contre-lhomophobie/>>. Acesso em: 15 out. 2013.

²³ Idem.

²⁴ Idem.

A fim de agir contra as discriminações que atingem às famílias homoparentais, “a composição das diferentes instâncias representativas das famílias será modificada para que as associações que representam as famílias homoparentais possam se expressar”.²⁵ Por fim, a França participa da definição de diretrizes da União Europeia em matéria de luta contra a violência e discriminação cometidas em razão da orientação sexual ou da identidade de gênero, e as embaixadas da França financiam Organizações Não Governamentais (ONG’s) que lutam contra a violência e discriminação contra os gays.

Finalmente, é, sobretudo, através da noção de *empowerment*, dotando de poderes os alvos de agressões e crimes de homofobia, que a ação pública se orienta na Europa. Assim, os homossexuais os homossexuais têm o direito de se afirmar enquanto tais:

um dos melhores conselhos que a experiência ensina a seguir: você não tem mais que uma vida para viver, portanto, não perca muito tempo com besteiras que é o preconceito. Aqueles que rejeitam ou condenam a homossexualidade [...] tem um problema, sua intolerância que promove desgastes e contratempos. Porque mesmo que se saia bem sucedido em vencer o peso do conformismo, a pressão dos outros ameaça infiltrar sua vida no momento em que menos esperar. É preciso se preparar e fazer frente com serenidade e, quando necessário, com combatividade.²⁶

Conclusão

A violência e a discriminação contra os homossexuais se desenvolve com frequência com a indiferença da população. Regularmente nós aprendemos que numerosos gays, lésbicas, travestis e transexuais vivem no medo das agressões pelo simples fato de terem a orientação sexual que tem. A ação pedagógica deveria começar por denunciar o conjunto de códigos culturais e das estruturas sociais que transmitem valores que reforçam preconceitos e discriminações contra gays e lésbicas.

A simples pressuposição da heterossexualidade constitui a violência simbólica cotidiana sobre aqueles que não partilham o sentimento supostamente comum: o médico que dirige-se ao paciente do sexo masculino falando de sua companheira como partindo do pressuposto que este seja heterossexual, a enfermeira escolar que aconselha sistematicamente às meninas utilizarem contraceptivos, sem imaginar que a possibilidade

²⁵ Idem.

²⁶ DORAIS, Michel; VERDIER, Eric. *Petit manuel de la Gayrilla à l’usage des jeunes ou comment lutter contre l’homophobie au quotidien*. Laval: H&O éditeurs, 2005.

de ter uma lésbica na classe ou, ainda, os manuais de sexualidade masculina ou feminina que fazem menção exclusivamente das relações heterossexuais são alguns exemplos. Sabemos enfim que as publicidades pressupõem atração erótica pelo sexo oposto a fim de promover um produto, os cartazes de anúncio, as canções de amor, as alusões que celebram o desejo hétero, constituem este tipo de violência presenciadas como evidentes e exclusivas.

A maior parte dos casais de mesmo sexo recusa-se manifestar sua tendência em locais públicos, se abraçarem ou andar com o companheiro de mãos dadas. O medo do julgamento reprovador e mesmo da violência física das outras pessoas determina um conjunto de gestos afetuosos, de maneira oposta, estas demonstrações de carinho são permitidas publicamente entre casais heterossexuais. A educação relativa à luta contra a homofobia considera em definitivo a sensibilização da população de maneira que esta não considere mais a heterossexualidade como algo dado e disposto naturalmente.

A homofobia constitui uma ameaça para os valores democráticos de compreensão e de respeito do outro, na medida em que promove a ilegalidade dos indivíduos em função de seus simples desejos, encoraja a rigidez dos gêneros e favorece a hostilidade sobre o outro. Como problema social, a homofobia deve ser considerada como delito suscetível de sanção jurídica. Todavia, a dimensão repressiva é desprovida de sentido se não há acompanhamento de ação preventiva. A tomada de consciência da gravidade do fenômeno homofóbico parece a prévia necessária para a ação repressiva, em caso contrário, seria direito exclusivo, atendendo tão somente a parte da população. Em realidade, a homofobia é não somente uma violência contra homossexuais, mas uma agressão contra os valores fundamentais da democracia.

Referências

ALEXANDER, Gerianne. An evolutionary perspective of sex-typed toy preferences: pink, blue, and the brain. *Archives of Sexual Behavior*, n. 1, v. 32, p. 7-14, feb. 2003.

BAERLOCHER, Elodie. *Barbie contre Action Man! Le jouet comme objet de socialisation dans la transmission des rôles stéréotypiques de genre*. In : DAFFLON-NOUVELLE, Anne (dir.). *Filles-Garçons, socialisation différenciée?* Genebra: Presses Universitaires de Genève, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.

BONNICHON, Delphine; VERDON, Benoît. Mourir pour être un homme: tentatives de suicide et identité sexuelle à l'adolescence, *Psychologie clinique et projective*, v. 1, n. 18, p. 127-160, 2012.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um pensamento*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

_____. *Homosexuels quels droits?* Présentation de LANG, Jack (Collection A savoir). Dalloz Paris, 2007.

_____; FASSIN, Eric; IACUB, Marcela. *Au-delà du PaCS. L'expertise familiale à l'épreuve de l'homosexualité*. Paris: PUF, 1999.

_____; COLAS, Dominique. *L'homosexualité de Platon à Foucault*. Anthologie critique. Paris: Plon, 2005.

BOSWELL, John. *Christianisme, tolérance sociale et homosexualité*. Paris: Gallimard, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *La domination masculine*. Paris: Éditions du Seuil, 1998.

BROQUA Christophe; EBOKO Fred (dir.). La fabrique des identités sexuelles, *Autrepart: revue de sciences sociales au Sud*, Paris, n. 49, v. 1, 2009.

Disponível em: <<http://femmes.gouv.fr/un-vaste-plan-contre-lhomophobie/>>.

Disponível em:

<https://ssl3.ovh.net/~soshomop/sites/default/files/rapport_annuel_2013.pdf>.

DORAIS, Michel; VERDIER, Eric. *Petit manuel de la Gayrilla à l'usage des jeunes ou comment lutter contre l'homophobie au quotidien*. Laval: H&O éditeurs, 2005.

ERIBON, Didier. Injures. In: _____ (dir.). *Dictionnaire des cultures gays et lesbiennes*. Paris: Larousse, 2003.

FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité* (vol. 1, 2, 3). Paris: Gallimard, 1976-1984.

_____. *Dits et écrits* (vol. 3). Paris: Gallimard, 1994.

GRAU, Günter. *Hidden Holocaust? Gay and Lesbian Persecution in Germany 1933-1945*. Chicago: Fitzroy Dearborn Publishers, 1995.

LALLOUET Marie. Des livres pour les garçons et pour les filles: quelles politiques éditoriales? In: NIÈRES-CHEVREL, Isabelle (dir.). *Littérature de jeunesse, incertaines frontières* (Colloque de Cerisy-la-Salle). Paris: Gallimard, 2005.

MELLINI, Laura. *Entre continuité et rupture, la place des secrets et des confidences. Analyse de la gestion sociale de deux identités déviantes: l'homosexualité masculine et la séropositivité*. Tese de doutorado. Faculdade de Letras de l'Université de Fribourg, Fribourg, 2003.

MILLER, Cynthia. Qualitative differences among gender-stereotyped toys: implications for cognitive and social development in girls and boys. *SexRoles*, v. 16, n. 9-10, p. 473-487, may. 1987.

VERDIER, Eric; FIRDION, Jean-Marie. *Homosexualités et suicides: études, témoignages et analyse*. Laval: H&O éditions, 2000.

WELZER-LANG, Daniel. *La peur de l'autre en soi: du sexisme à l'homophobie*. Quebec: VLB éditeur, 1994.

Recebido em: 26/04/2014

Aprovado em: 15/06/2014